

APRESENTAÇÃO

APRESENTAÇÃO

Matheus de Souza Silva¹

Alana Maria Passos Barreto²

Lídia Nascimento Gusmão de Abreu³

Karyna Batista Sposato⁴

Bandeira do Brasil, crucifixos, cartazes com associação à pedofilia e um boneco sendo queimado com seu rosto. Esse foi o cenário que Judith Butler encontrou em sua visita ao Brasil no ano de 2017. O caos descrito e trazido na capa deste volume não é resultado somente de um acirramento ideológico no território nacional mas, na verdade, surge como reflexo de um movimento global mais amplo em que a retórica contra o gênero produziu um extremismo violento contra os avanços promovidos no campo dos direitos da população LGBTQIAPN+.

Sob esse panorama, o dossiê **Direitos LGBTQIAPN+ e as ofensivas políticas de Extrema-Direita** da Revista COR LGBTQIA+ apresenta discussões em torno do recrudescimento de forças políticas que desafiam os pilares da democracia liberal contra a diversidade humana. Sob a égide do que Norris e Inglehart (2019) denominam como “populismo autoritário de direita”, observamos uma articulação transnacional que mobiliza preceitos de nacionalismo, patriotismo e o resgate de tradições conservadoras como ferramentas de disputa hegemônica.

O dossiê Direitos LGBTQIAPN+ e as ofensivas políticas de Extrema-Direita da Revista COR LGBTQIA+ emerge em um cenário global marcado pelo recrudescimento de forças políticas que desafiam os pilares da democracia liberal e da diversidade humana. Sob a égide do que Norris e Inglehart (2019) denominam como “populismo autoritário de direita”, observamos uma articulação transnacional que mobiliza preceitos de nacionalismo, patriotismo e o resgate de tradições conservadoras como ferramentas de disputa hegemônica.

A extrema-direita contemporânea não se manifesta apenas como uma corrente ideológica de caráter teórico mas, sobretudo, como um campo de articulações com ofensivas práticas contra grupos historicamente vulnerabilizados. Como aponta Barroco (2022), a exaltação da família patriarcal e o anti-intelectualismo convergem para a

¹ Doutorando em Direito pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).

² Doutoranda em Sociologia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS).

³ Mestre em Direito pela Universidade Federal de Sergipe (UFS).

⁴ Professora Associada do Departamento de Direito da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

desumanização de minorias, criando condições sociais favoráveis para a imposição de uma ordem coercitiva em momentos de crise. Este fenômeno, que Umberto Eco (2018) identifica como as raízes do “fascismo eterno”, encontra na negação da diferença sua principal estratégia de manutenção de poder.

Nesta edição, os artigos reunidos analisam como essas reações neoconservadoras ao gênero expõem as cicatrizes da colonialidade (Quijano, 2019) e, principalmente, como tem utilizado as mídias sociais para os seus potencializar discursos de controle. A liberdade de expressão é aqui tensionada: quando irrestrita e descontextualizada de sua responsabilidade democrática, a linguagem assume uma força violenta capaz de ferir a integridade de indivíduos (Butler, 2021).

No campo do gênero e da sexualidade, os atores da extrema-direita centraram sua luta na retórica da “ideologia de gênero” - o que Butler (2024) define como um “cenário fantasmático”. Essa construção discursiva é desnudada ao longo das páginas deste dossiê como uma política moral desenhada para vulnerabilizar e controlar sujeitos através de processos subjetivos e técnicas de linguagem (Foucault, 2014).

O objetivo deste volume é, portanto, oferecer um diagnóstico crítico sobre as dinâmicas ofensivas que visam a retirada de direitos conquistados. Os trabalhos aqui selecionados abordam temas urgentes, tais como a política moral da extrema-direita na atuação dos Três Poderes; a fabricação de pânico morais e o combate à “ideologia de gênero”; as intersecções entre a Teoria *Queer* e as resistências ao avanço neoconservador; a arquitetura do discurso de ódio contra a população LGBTQIAPN+ nas redes digitais; e o panorama internacional das garantias fundamentais sob pressão.

A diversidade de perspectivas reunida nesta edição oferece um panorama multifacetado das ofensivas e resistências contemporâneas. Os trabalhos estão organizados em torno de três eixos fundamentais: a construção retórica do pânico moral, a atuação institucional dos poderes e as estratégias de sobrevivência e insurgência.

Abrindo as discussões, Livia Victória Warol Carneiro analisa a manipulação do conceito de “ideologia de gênero” pela extrema-direita brasileira, demonstrando como o pânico moral é utilizado como ferramenta de ascensão conservadora. No mesmo sentido, o trabalho de Douglas Souza, Luana Galoni, Grazi Ribas e Lisis de Oliveira investiga o embate entre o neoconservadorismo e as políticas identitárias, desconstruindo discursos que tentam reduzir o gênero a determinismos biológicos.

A instrumentalização da infância e da família é central nesta disputa. Aryel Raphaela Guimarães Amaral de Sá examina projetos de lei na Câmara dos Deputados que, sob o pretexto de “proteção à infância”, buscam silenciar o gênero. Complementarmente, Pedro Henrique Moreira Rocha, Sayonara Hallin Martins Andrade e Layre Rafaela Costa Vasconcelos discutem o sacrifício de crianças e adolescentes LGBTQIAPN+ no governo Bolsonaro, expondo como a defesa da “família tradicional” vulnerabiliza a juventude dissidente.

Por outro lado, a dimensão política e jurídica é explorada por José Ariosvaldo Alixandrino, Maria Aparecida Rodrigues e Luciane Silva de Souza, que relacionam a crise da democracia brasileira aos ataques bolsonaristas contra corpos LGBTQIAPN+. No âmbito legislativo regional, Eduarda Vogas mapeia as disputas sobre diversidade sexual na Assembleia de Minas Gerais (2015-2022), revelando a capilaridade da agenda conservadora.

Assim, o papel do Judiciário é analisado por Luiz Henrique do Nascimento Moura, que apresenta o STF como uma “voz solitária” na garantia de direitos frente à omissão dos demais poderes. Essa omissão é lida por Felipe Santos de Alcantara através da lente da necropolítica, onde a ausência do Estado configura uma estratégia deliberada de gestão da morte das populações LGBTQIAPN+.

Por fim, o dossiê contempla as potências de enfrentamento. Dandara da Costa Rocha propõe uma reflexão sobre a subversão transfeminista, destacando a solidariedade e a reinvenção como formas de insurgência contra o moralismo neoconservador. No campo da educação, o trabalho coletivo de Pedro Yuri da Paz Barbosa, Cintia Gabriele Pereira Gonçalves, Tatiana Aleixo, Rochelly Rodrigues Holanda e Vilkiane Natercia Malherme Barbosa relata as resistências no cotidiano da escola pública, demonstrando como o “chão da escola” se torna um espaço vital de afronta à homofobia e ao silenciamento.

Ao final desta leitura, espera-se que aquele que lê possa encontrar subsídios teóricos e empíricos para compreender que a luta emancipatória das populações com cidadania precarizada é, acima de tudo, a luta pela própria preservação da democracia, que não mais se resume em uma perspectiva majoritária.

Convidamos todos a mergulhar nestas reflexões, essenciais para efetivar, de forma segura e permanente, os avanços nas garantias fundamentais de todos os sujeitos. Desejamos uma excelente e provocativa leitura.

REFERÊNCIAS

BARROCO, M. L. da S. Direitos humanos, neoconservadorismo e neofascismo no Brasil contemporâneo. **Serviço Social & Sociedade**, n. 143, p. 12–21, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0101-6628.268>. Acesso em: 04 mar. 2024.

BUTLER, J. **Discurso de ódio**: uma política do performativo. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

BUTLER, J. **Quem tem medo do gênero?**. São Paulo: Boitempo, 2024. ECO, H. *Contra el fascismo*. [S. l.]: Lumen, 2018.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

MUDDE, C. **A extrema direita hoje**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2022.

NORRIS, P.; INGLEHART, R. **Cultural Backlash**: Trump, Brexit, and Authoritarian Populism. Nova York: Cambridge University Press, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1017/9781108595841>. Acesso em: 04 mar. 2024.

QUIJANO, A. **Ensayos en torno a la colonialidad del poder**. Buenos Aires: Del Signo, 2019.